


## A multimodalidade em dicionários de Libras: reflexões teóricas e aplicadas

### The multimodality in Libras dictionaries: theoretical and applied reflections

Cíntia Débora de Moraes Cinti\* 

Renato Rodrigues-Pereira\*\* 

**RESUMO:** Neste trabalho, discorremos sobre a importância da multimodalidade em dicionários de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), a partir da análise de dois dicionários: o Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue Deit-Libras, de Capovilla, Raphael e Maurício (2009); e Dicionário da língua de sinais do Brasil: A Libras em suas mãos, produzido por Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins (2019). Temos como propósito compreender como a multimodalidade interfere nas informações que compõem os verbetes dos dicionários selecionados. Nos fundamentamos por pressupostos teóricos e metodológicos da Lexicografia, que nos possibilitou perceber a potencialidade multissemiótica presente nestes dicionários e, sobretudo, reconhecê-los como patrimônio cultural de seus consultantes, assim como variável contextual de Modo da Linguística Sistêmico-funcional, sob a qual se respalda a multimodalidade. Nossas análises indicam que, para além do enriquecimento das informações lexicográficas abordadas na estrutura do dicionário, a multimodalidade funciona como mecanismo de organização didática dos registros possíveis em dicionários.

**ABSTRACT:** In this work, we discuss the importance of multimodality in Brazilian Sign Language dictionaries (LIBRAS), based on the analysis of two dictionaries: the trilingual Encyclopedic Illustrated Dictionary Deit-Libras, by Capovilla, Raphael and Maurício (2009); and Dictionary of Brazilian Sign Language: Libras in your hands, produced by Capovilla, Raphael, Temoteo and Martins (2019). Our purpose is to understand how multimodality interferes with the information that composes the entries of the selected dictionaries. We are based on theoretical and methodological assumptions of Lexicography, which allowed us to perceive the multisemiotic potential present in these dictionaries and, above all, to recognize them as cultural heritage of their consultants, as well as a contextual variable of Systemic-Functional Linguistics Mode, under which supports multimodality. Our analyzes indicate that, in addition to enriching the lexicographical information addressed in the dictionary structure, multimodality works as a mechanism for didactic organization of possible records in dictionaries.

\* Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS. [cintia.debora@ufms.br](mailto:cintia.debora@ufms.br).

\*\* Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. UFMS. [renato.r.pereira@ufms.br](mailto:renato.r.pereira@ufms.br).

---

<b>PALAVRAS-CHAVE:</b>	Lexicografia.	<b>KEYWORDS:</b>	Lexicography.
Multimodalidade.	Libras. Consulente	Multimodality.	Libras. Deaf consultant.
surdo.			

---

## 1 Introdução

A multimodalidade pode ser entendida como a integração de recursos semióticos, que se dispõem de diferentes formas dentro de um texto. Seja em *outdoors*, em vitrines, revistas, fachadas de lojas, na mídia, em ambientes virtuais ou físicos, ela tem promovido novas leituras sobre a comunicação humana e os modos de representação da realidade.

Pensando nos diversos campos favorecidos pela multimodalidade, buscamos verificar como ela se dispõe em dicionários que contemplam uma língua visual-espacial, neste caso, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a fim de compreendermos como as informações que compõem os verbetes dos dicionários selecionados são complementadas por elementos multimodais.

A motivação deste trabalho<sup>1</sup> está no fato de que o desenvolvimento dos estudos da linguagem tem contribuído para que se tenha, cada vez mais, informações sobre as características linguísticas de línguas distintas, principalmente a partir da descrição minuciosa de seu funcionamento no sistema comunicativo. No entanto, observamos que boa parte dos estudos se encarrega das línguas orais, enquanto a modalidade visual-espacial resulta “em uma vasta área de estudo linguístico ainda a ser explorada, levando à negligência de um conjunto de linguagens ricas e complexas a partir de descrições da comunicação humana como um todo” (RUDGE, 2018, p. 17).

Para o desenvolvimento deste trabalho, nos respaldamos nos pressupostos teóricos e metodológicos da “ciência dos dicionários” (BIDERMAN, 2001, p. 17), a Lexicografia. Além dela, consideramos o aspecto multimodal que está associado a

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil.

potencialização do valor intersemiótico, que se estrutura na relação entre textos e assume diferentes significados a partir de uma rede de possibilidades, conforme abordamos a partir da Linguística Sistêmico-funcional, doravante LSF, cunhada por Halliday (1985, 1994) e mais tarde Halliday e Matthiessen (2004).

Sob essas perspectivas teóricas e considerando a potencialidade da cultura visual para comunicação e aprendizagem do consulente surdo, selecionamos duas coleções de dicionários de Libras, com o propósito de compreender como a multimodalidade interfere nas informações que compõem os verbetes dos dicionários analisados e sobre os quais discorreremos a seguir.

O primeiro dicionário selecionado foi o **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue (Deit-Libras)** (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2009), com fins pedagógicos, baseado em Linguística e Neurociências cognitivas. Trata-se de um dicionário que compreende a Libras, a Língua Portuguesa e a Língua Inglesa. Constituído por dois volumes, se destina a professores que lecionam a crianças surdas e que, para além da adoção de um instrumento metodológico de acesso precoce à Libras, conforme preconiza Capovilla; Raphael; Maurício (2009), reconhece suas “funções sociais e pragmáticas, [pois] o dicionário é também um componente de expressão cultural e ideológica, tecido sob a aparência de catálogo de palavras”. (KRIEGER, 2007, p. 296, grifo nosso).

Como desdobramento da edição de 2009 e com base na continuidade das pesquisas realizadas pelos autores, surge então o também dicionário trilingue **Dicionário da língua de sinais do Brasil: A Libras em suas mãos (Dic. Libras)** (CAPOVILLA *et al.*, 2019), segundo dicionário selecionado, constituído por três volumes. Ele tem a mesma finalidade do Deit-Libras, mas além de apresentar a inclusão de novas unidades léxicas, revela alterações significativas na correspondência grafo-visual, como demonstraremos mais adiante. Esta observação nos conduziu a selecionar os verbetes, cujas impressões multimodais se destacavam na comparação entre obras, compondo, assim, o *corpus* de análise deste estudo.

Por isto, buscamos analisar quais informações são trazidas no interior do verbete por meio dos elementos multimodais, verificar se houve alterações significativas destes/nestes elementos multimodais no intervalo entre uma publicação e outra e, por fim, averiguar se o caráter intersemiótico da multimodalidade revela, na disposição de imagens, informações adicionais tais como a etimologia do sinal, os regionalismos presentes nas variedades linguísticas da Libras, assim como outras informações linguísticas que estruturam a produção e realização dos sinais.

Nossas análises, portanto, consideram a função assumida pelos elementos multimodais dentro do verbete, tendo em vista que, ao se tratar de uma língua visual-espacial, as diversas formas de disposição de um texto, que se apoiem em aspectos visuais, contribuem significativamente para o processo de construção de sentidos dos consulentes, neste caso, os sujeitos surdos.

## **2 Lexicografia: definição e relevância social**

A Lexicografia se ocupa “de tudo o que diz respeito aos dicionários, tanto ao nível do seu conteúdo científico (o léxico), como da elaboração do material e das técnicas adotadas na sua realização” (PORTO DAPENA, 2002, p. 23-24, tradução nossa). Nessa perspectiva, tanto no processo de elaboração de repertórios lexicográficos, como nos estudos de natureza metalexigráfica realizados em conformidade com as diferentes vertentes de estudos, cada tarefa suscita diferentes olhares, a depender do tipo de obra e seu público-alvo.

Desde os tempos mais remotos, a atenção para as necessidades circundantes da sociedade sempre esteve direcionando o labor de recopilação de itens lexicais com vistas a registrá-los para que o “perpetuar o ontem e o hoje” pudesse garantir que “no amanhã tenhamos as memórias e sabedorias eternizadas por meio das palavras, em dicionários” (RODRIGUES-PEREIRA; COSTA, 2020, p. 7). O interesse do homem em representar concreta e objetivamente sua relação com o mundo, assim como seu papel nele, remonta à antiguidade. Com o passar do tempo, esse interesse em explicar

determinados fenômenos, fossem eles de ordem física ou metafísica, exigia a existência de alguma forma de registro. Foi sob essa perspectiva que surge a escrita, como forma de representar a relação do homem com o mundo em que vive, registrando por meio de signos gráficos o que foi nomeado por ele.

Segundo Biderman (2001, p. 13) “ao nomear, o indivíduo se apropria do real como simbolicamente sugere o relato da criação do mundo na Bíblia, em que Deus incumbiu ao primeiro homem dar nome à toda a criação e dominá-la”. A nomeação aliada às formas, meios, técnicas e modos de registros, deram origem às primeiras listas de palavras.

É assim que “nascem glossários na Grécia Antiga, nos quais eram listadas e definidas palavras de difícil compreensão de obras literárias. Estas, quando organizadas alfabeticamente ao final dos textos, constituíam os glossários, que representam as primeiras formas de manifestação lexicográfica” (KRIEGER, 2006, p. 141).

Krieger (2007) afirma ainda que, ao rememorar a história da Lexicografia é possível compreender:

a relação entre as funções que o dicionário desempenhou em seu surgimento e sua denominação, originada do termo latino *dictionarium*. O sufixo *arium*, significando depósito, indica lugar em que se guarda, neste caso, o elemento fundamental do dizer: as palavras. A etimologia deste nome, cunhado pelo italiano Calepino em 1502, explica-se, em muito, pelo momento histórico que dá luz ao mundo renascentista (KRIEGER, 2004, p. 296).

Nesse contexto, a partir do Renascimento, “um mercado considerável de manuais ortográficos e de dicionários do vernáculo surgiu e cresceu durante o século XV” (WEEDWOOD, 2002, p. 71), dando origem a vários dicionários bilíngues. Nesse período, a necessidade de registro da língua, em toda sua complexidade e transformação, começa a se refletir na arquitetura dos dicionários.

Em conformidade com esse cenário, Isquierdo (2011) ressalta que a partir do século XVIII, a busca pela identidade nacional motivou uma nova fase da Lexicografia, com registros do léxico da língua portuguesa com expressividade brasileira, fazendo-nos perceber que as transformações dos estilos, tipos, formas e meios de disposição e organização dos dicionários são resultado das transformações sociais, culturais e linguísticas, as quais estão vinculados, ou seja, os dicionários são propostos com finalidades específicas a fim de atender às necessidades de seus consulentes, conforme argumenta Krieger (2006):

O dicionário é uma obra que nasce para atender a necessidades específicas das coletividades linguísticas. Em primeiro plano, permite que elas tenham à disposição o registro do léxico de sua língua, numa correspondência com os significados que os recobrem. Em consequência, constitui-se em fonte de consulta sobre palavras, expressões, termos e sentidos desconhecidos (KRIEGER, 2006, p. 142).

A autora ressalta ainda que:

A utilidade do dicionário não se limita ao conhecimento linguístico em si mesmo, porque ainda cumpre um papel de suporte cognitivo ao oferecer informações conceituais sobre termos que integram outras disciplinas do currículo do aluno. Ao mesmo tempo, pela sua natureza de obra de consulta, fomenta a autonomia do estudante. Este pode, por si mesmo, buscar as informações de que necessita pragmaticamente ou que representam algum interesse específico (*Ibidem*).

O que se percebe, nesse enquadre, é que seja pela perspectiva teórica, técnica ou pragmática, os dicionários constituem um mecanismo substancial de registro lexical, de associação entre unidades léxicas, de potencialização semântico-discursiva, de compreensão quanto à identidade linguística e cultural de seus falantes.

Ao abrir um dicionário, seja pela busca de alguma informação específica ou por simples curiosidade, ele sempre servirá como fonte inesgotável de conhecimento, o que nos motiva a reconhecer a complexidade e a responsabilidade do trabalho de um

lexicógrafo, pois a depender do público a quem se destina a obra e do propósito do lexicógrafo, será delineada a organização da obra, assim como o estilo adotado e as informações que a comporão conforme veremos a seguir.

### **3 A organização de/dos dicionários: aspectos gerais**

O labor de um lexicógrafo e sua equipe requer conhecimentos teóricos e metodológicos bem apurados, sobretudo quando se pretende atender necessidades de um público-alvo aprendiz de uma ou mais línguas. Ou seja, ao considerar o potencial consulente em seus diferentes níveis de competência linguística, questões estruturais do repertório lexicográfico em questão, assim como os diferentes registros ali possíveis são cuidadosamente pensados.

O lexicógrafo, com o olhar atento aos aspectos linguísticos, sociais e culturais que se refletem no léxico da língua que pretende documentar, determina quais informações precisam ou podem ser registradas no material produzido. Nesse contexto é necessário considerar “para quem e para quem será direcionada a nova obra. [...] Sabendo-se quem é o público-alvo, é possível determinar se o dicionário será recíproco ou não e sabendo-se qual é a função, é possível determinar sua direcionalidade” (DURAN; XATARA, 2007, p. 314).

Nessa perspectiva, os dicionários ganham características muito peculiares, cuja estrutura segue critérios preestabelecidos. Segundo Krieger (2007, p. 304), são questões basilares de quaisquer dicionários “a constituição do repertório léxico, o conjunto das informações apresentadas no verbete e o tratamento dos dados” e que “metodologicamente, a definição do consulente visado determina que a organização estrutural e a densidade informativa sejam compatíveis às necessidades previstas”. Esses aspectos, segundo Duran e Xatara (2007) contribuem para categorizá-lo, segundo o número de línguas que serão colocadas em contato, definindo assim se serão mono, bi, tri ou multilíngues.

Welker (2004, p. 47) ressalta que os dicionários possuem uma orientação que define a perspectiva que os configuram. Na perspectiva semasiológica, parte-se “do lexema, ao significado”. A organização dos dicionários semasiológicos, segundo Borba e Miranda (2012, p. 33) pode ser comparada a um relógio, cujo “interior é composto de um sistema de engrenagens, cada uma responsável por desempenhar uma função e também por comunicar-se com as demais”, nos remetendo ao cuidado em que cada parte deve ser pensada a fim de proporcionar o equilíbrio necessário ao funcionamento e comunicação destas engrenagens.

Todo dicionário, grosso modo, apresenta as informações lexicográficas organizadas em dois planos principais, a saber: **macroestrutura**, resultado da organização semasiológica ou onomasiológica dos materiais léxicos em conformidade com a estrutura do verbete; e **microestrutura**, conjunto de informações ordenadas de cada verbete e que são lidas horizontalmente. O verbete, parte essencial do dicionário, corresponde, pois, ao resultado da soma da unidade léxica lematizada mais as informações que são proporcionadas acerca dessa unidade (HAENSCH, 1982; PORTO DAPENA, 2002; CASTILLO CARBALLO, 2003; GARRIBA ESCRIBANO, 2003; ZAVAGLIA, 2012; RODRIGUES-PEREIRA, 2020).

Enfatizamos, nesse contexto, que as informações possíveis de serem registradas em um verbete variam segundo os critérios estabelecidos pelo lexicógrafo e conforme a finalidade do dicionário em relação ao seus potenciais consulentes, podendo trazer em seu interior um número determinado de acepções (que se referem aos diversos sentidos associados à unidade léxica referenciada na entrada do verbete), informações etimológicas, ortográficas, de pronúncia, gramaticais, de unidades fraseológicas, dentre outras que venham a contribuir para o aprimoramento da competência comunicativa do consulente.

Considerando os dicionários utilizados para este estudo, no quadro abaixo, apresentamos as informações que compõem os verbetes dos dicionários selecionados para este estudo, segundo Capovilla *et al.* (2009, 2019):



Quadro 1 – Informações microestruturais nos dicionários selecionados para análise.

<b>Deit-Libras (2009, p. 46-47)</b>	<b>Dic. Libras (2019, p. 21)</b>
a) Cada entrada em língua portuguesa e seu correspondente por meio do sinal e em inglês.	a) Cada entrada em língua portuguesa e seu correspondente por meio do sinal e em inglês.
b) Soletração digital da entrada (composição grafêmica da escrita em língua portuguesa).	b) Soletração digital da unidade léxica em língua portuguesa e seu sinal correspondente.
c) Classificação gramatical das entradas em língua portuguesa.	c) Classificação gramatical.
d) Representação do significado e exemplos que ilustram o uso linguístico em língua portuguesa e seu sinal correspondente.	d) Registro de uma a três acepções.
e) Escrita visual do sinal por meio do SignWriting.	e) Escrita visual do sinal por meio do SignWriting.
f) Definição do significado representado pelo sinal.	f) Descrição escrita em língua portuguesa da forma do sinal e de seu significado.
g) Registro de uma a cinco ilustrações do significado do sinal.	g) Registro de uma a três ilustrações gráficas do significado do sinal.
h) Ilustração da forma do sinal por meio de setas (composição quirêmica).	h) Informação morfológica do sinal.
i) Descrição da iconicidade do sinal e da etimologia a partir de sua estrutura morfêmica.	i) Informações sobre a etimologia e iconicidade do sinal.
j) Formas regionalizadas do sinal.	j) Variação linguística no uso dos sinais.

Fonte: Deit-Libras (2009, p. 46-47); Dic. Libras (2019, p. 21).

Ao verificar a articulação do campo sensorial, linguístico, cognitivo e sociocultural que respalda o processo de aprendizagem da criança surda, os autores do **Deit-Libras** (2009) e do **Dic. Libras** (2019) puderam imprimir, no material confeccionado, as características visuais-espaciais que respaldam a estrutura linguística da Libras, dispondo-as no corpo dos verbetes, de forma contextualizada.

Tais características fizeram desses dicionários importantes subsídios (materiais didáticos) para os professores que desenvolvem suas atividades didáticas de ensino para surdos. Nesse contexto, “além dos conhecimentos que favorecem o

desenvolvimento da competência comunicativa do sujeito e do saber sobre o funcionamento da língua, a consulta lexicográfica pode contribuir para o processo de alfabetização” (KRIEGER, 2007, p. 301), pois, “[...] para as crianças surdas alfabetizadas, o dicionário auxilia a ampliar o léxico de sinais de Libras e de palavras do Português escrito” (CAPOVILLA; TEMOTEO, 2014, p. 120).

#### **4 A natureza visual-espacial da língua brasileira de sinais – Libras**

Nesta seção, abordamos alguns aspectos da natureza linguística e visual da Libras para que você, leitor, possa compreender as funções assumidas por alguns destes elementos linguísticos dentro dos verbetes, além da expressividade da multimodalidade em textos que se destinam a esta língua, fruto da cultura visual. Versamos também sobre o reconhecimento do status linguístico desta língua como sua “característica mais gritante [...], se comparada a outros códigos, ou sistemas de comunicação, [...] sua flexibilidade e versatilidade” (LYON, 1987, p. 30).

Por muitos anos, surdos residentes em diversos países do mundo, sentiram o impacto de diferentes ideologias sobre o caráter visual de sua comunicação. O negacionismo da natureza visual das línguas sinalizadas, que a princípio não eram consideradas línguas, recaiu também sob seus usuários, atribuindo-lhes visões depreciativas e estigmatizantes. Segundo Althusser (1980, p. 31), os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), como igrejas, escolas, exército, tribunais, governo, dentre outras instituições, garantiam que fossem submetidos “ao processo de extorsão da mais-valia”, devido à sua representatividade na estrutura social “de uma maneira massivamente prevalente pela repressão” (*ibid.*, p. 46-47).

Significados pela ideologia dominante, o imaginário social se encarregava de inscrever os surdos e conseqüentemente sua forma de comunicação em um lugar subalterno, tendo em vista a obscuridade da linguagem que não lhes permitia reconhecer uma língua que se constituía em um aparente silêncio. Isto se justifica pelo

fato de que “nosso imaginário social destinou um lugar subalterno para o silêncio” (ORLANDI, 2007, p. 35).

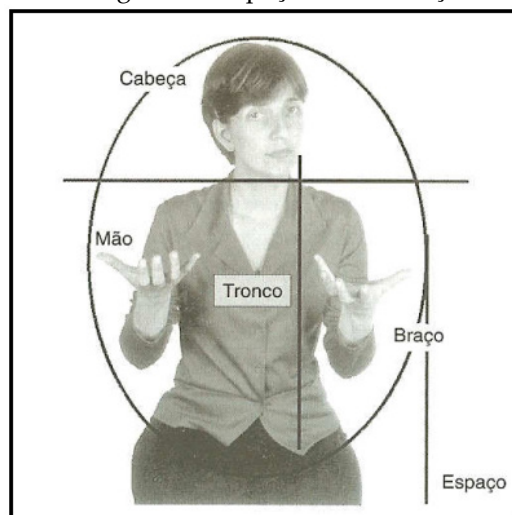
Além disso, um dos fatores que inicialmente motivou o questionamento do aspecto linguístico das línguas sinalizadas, e até se poderiam ser chamadas de línguas, está no fato de terem sido “relegada[s] a um estatuto de mímica” (GESSER, 2009, p. 55). Isto se deve às estratégias de aproximação entre línguas, adotadas pelos surdos em ocasiões em que seu interlocutor era um sujeito não surdo e não se comunicava por meio de uma língua de sinais. Nesse caso, nos referimos ao uso da ‘pantomima’ que, segundo Pereira (2011, p. 1) “consiste em usar o corpo e os gestos para se expressar”.

A prática ideológica que se aflora na tentativa de questionamento, interdição e apagamento das línguas de sinais, chamada por Skliar (2005, p. 17) de “ouvintismo”, durou cerca de cem anos. Durante esse período, foram questionados tanto o aspecto linguístico das línguas sinalizadas, quanto sua eficiência para a comunicação e aprendizagem dos sujeitos surdos. Somente em 1960, Willian C. Stokoe, ao realizar a comparação entre a língua inglesa e uma língua de modalidade visual-espacial, a Língua Americana de Sinais (American Sign Language - ASL), “comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30).

A Libras foi reconhecida como língua, de natureza visual-espacial dos surdos brasileiros, por meio da lei 10.436, em 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002). Desde então, as pesquisas para conhecimento e descrição aprofundada dessa língua têm se intensificado. Embora sabemos que muitos aspectos ainda necessitam ser pesquisados, se comparada às línguas orais, importa reconhecer que a legalização da Libras simboliza um marco histórico de reconhecimento e reafirmação de seu potencial linguístico, de desenvolvimento de políticas linguísticas em nível nacional e principalmente da valorização da cultura dos surdos.

A Libras é considerada uma língua de natureza visual-espacial pois sua produção, realização, percepção e estrutura, consistem em aspectos visuais e espaciais. No que se refere à produção dos sinais, embora efetuado pelas mãos, o tronco, braços, cabeça e face se articulam, assumindo funções fundamentais no espaço de sinalização ou “espaço de enunciação” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 57). Este espaço é um fator contextual determinante pois regula a expansividade ou restritividade de realização de um sinal. A fuga da sinalização ao campo visual pode acarretar interferência na construção sintática, semântica ou perda de informações lexicais. Nesse espaço, são alocados os referentes, situando-os discursivamente em posições determinadas durante a enunciação, como demonstramos por meio da figura na sequência.

Figura 1 – Espaço de sinalização.



Fonte: Battison (1978, p. 49) *apud* Quadros e Karnopp (2004, p. 57).

Os sinais que se associam neste espaço são “signos [...] que mudam seu valor de acordo com a situação de uso” (CAMPELLO, 2008, p. 142). Segundo Ferreira Brito (2010), os sinais se estruturam a partir dos aspectos de simultaneidade e/ou linearidade, obedecendo a parâmetros compostos por: a) a **configuração de mão**, que se refere à forma assumida pela mão na constituição dos sinais; b) o **movimento**, sob

o qual o sinal é realizado; c) o **ponto de articulação**, que é o local do corpo, ou do espaço de sinalização, em que são articulados os sinais; d) **orientação**, que se refere à direcionalidade da(s) mão(s); e) **expressões faciais e corporais**, que funcionam como expressão de valores semântico-discursivos no campo de representação visual.

Esses parâmetros, compilados “multidimensionalmente” conforme enfatiza Ferreira Brito (2010, p. 41), caracterizam o aspecto multimodal de organização da estrutura linguística da Libras, tendo em vista a potencialidade de associação dos elementos de composição visual do enunciado, para o processo de representação mental da realidade.

## 5 A multimodalidade na tessitura do texto dicionário: Deit-Libras e Dic. Libras

Como vimos anteriormente, as abordagens teóricas e metodológicas para confecção e organização de dicionários exigem, muito mais que o simples desejo de um pesquisador em registrar o léxico de uma língua. Tal conhecimento requer leituras sobre a noção de texto, que se aflora, neste caso, na relação entre língua, sociedade, cultura e identidade. Orlandi (2012) afirma que o texto é uma

unidade de análise. Para o leitor é a unidade empírica que ele tem diante de si, feita de som, letra, imagem, sequências com uma extensão, (imaginariamente), com começo, meio e fim e que tem um autor que representa em sua unidade, na origem do texto, “dando-lhe” coerência, progressão e finalidade (ORLANDI, 2012, p. 64).

Os dicionários, por sua vez, são textos não apenas pelo fato de possibilitarem o acesso ao sentido de determinadas unidades léxicas, tendo em vista sua perspectiva “semasiológica<sup>2</sup>”, mas por apresentarem em sua tessitura as marcas de funcionamento da ideologia, da cultura, das transformações geradas na língua, e por meio dela, no

---

2 “dicionário semasiológico (do grego *semasía* – ‘significado’); ele vai da forma, do lexema, ao significado”. (WELKER, 2004 p. 47).

seio da estrutura social. Revisitar um dicionário, anos após sua produção, significa atualizar uma memória, cujos ecos continuam significando a língua que ele retrata.

Desse modo, quando nos propomos a analisar a disposição e o funcionamento da multimodalidade em dicionários produzidos em diferentes momentos, Deit-Libras (2009) e Dic. Libras (2019), entendemos que os sentidos que os constituem são tecidos em contextos diferentes e de diferentes modos, de forma que “o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo” (ORLANDI, 2015, p. 69).

Considerar o dicionário enquanto gênero textual, a exemplo de Rodrigues-Pereira; Nadin (2019), leva-nos a compreender o funcionamento dos mecanismos de significação que o compõe, dentre eles, a multimodalidade, que pode ser entendida como toda forma de disposição grafo-visual, que assume funções determinadas no processo construção de sentidos.

Dionísio (2006), por seu turno, esclarece que os gêneros orais e/ou escritos que apresentam, em sua disposição, a associação entre palavras, imagens, sons e movimento são gêneros multimodais. Nessa perspectiva, podemos inferir que, para além da apreciação do dicionário enquanto gênero textual, podemos concebê-lo como gênero textual multimodal, em decorrência da multissemiose que se inscreve nas formas que se organiza toda a estrutura lexicográfica (RODRIGUES-PEREIRA; NADIN, 2019).

Segundo Nascimento (2018, p. 91), o verbete lexicográfico pode ser compreendido “como um texto multimodal, não só pela presença da ilustração, mas também pelo uso dos recursos tipográficos”. A presença da multimodalidade, portanto, se configura na amplitude destes textos por meio de signos visuais que se colocam em destaque. No entanto, é necessário entender como esses signos potencializam o processo de construção de sentidos, conforme destaca Serafini (2014, p. 58):

Mais do que simplesmente perguntar quais são os modos ou conjuntos multimodais, precisamos perguntar o que eles nos permitem. Um aspecto importante da natureza multimodal contemporânea [...] não é simplesmente como sistemas de signos discretos ou modos individuais que articulam e representam potenciais de significado, mas como o significado é construído à medida que esses sistemas de signos interagem uns com os outros <sup>3</sup>.

Segundo o autor, não basta identificar o modo que se dispõem os elementos multimodais, é necessário compreender como os significados são construídos a partir da interação entre signos. Diante disso, nos respaldamos na Linguística Sistêmico Funcional (LSF) para consideramos a função assumida pelos recursos multimodais dentro do verbete e assim compreendermos, como estes recursos interferem nas informações ali contidas, pois a LSF “busca identificar as estruturas de linguagem específica que contribuem para o significado de um texto” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 19).

Vale lembrar que, segundo Martin (1992), o contexto cultural e situacional afeta o uso da língua, assim como os sentidos que se constituem a partir dele. Desse modo, a sistematização do processo de construção de sentidos pela Libras se arquiteta sob os aspectos visuais, fruto da cultura dos sujeitos surdos. Os significados, nesse caso, são potencializados pelos recursos grafo-visuais fornecidos pela multimodalidade.

Segundo Halliday (1985), a dimensão do contexto situacional se caracteriza pela relação entre **campo**, que revela o assunto abordado; **relação**, que trata da dimensão interacional; e **modo**, que trata sobre a função que a língua exerce no dimensionamento da informação. Sendo este último essencial ao se tratar de multimodalidade em dicionários de Libras, pois embora seja inquestionável a importância da integração entre elementos multimodais em seu interior, a simples disposição desses elementos

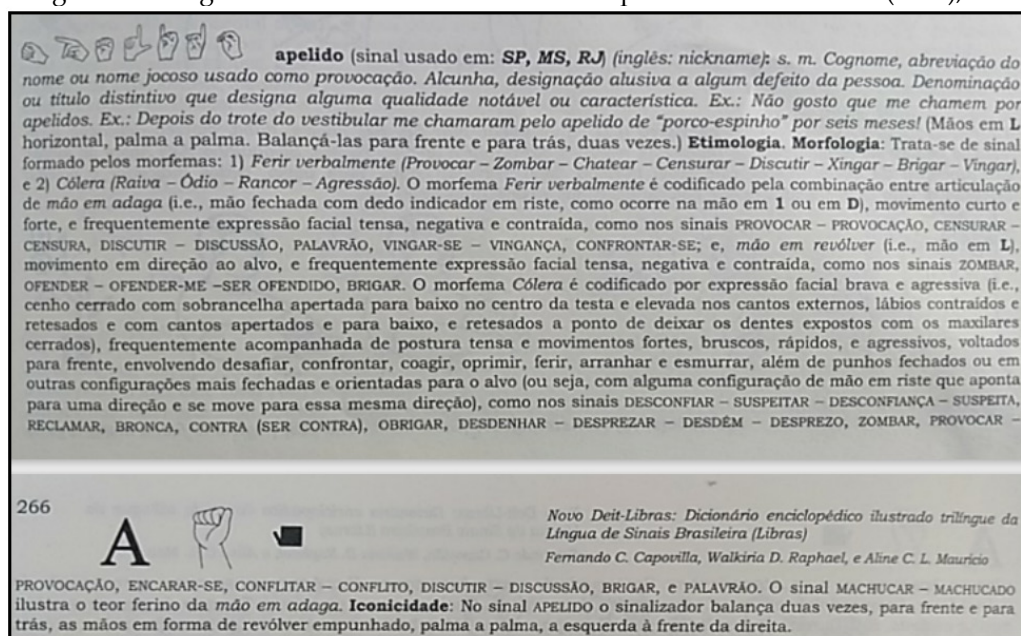
---

<sup>3</sup> More than simply asking what modes or multimodal ensembles are, we need to be asking what multimodal ensembles do. An important aspect of the multimodal nature of contemporary [...] is not simply how discrete sign systems or individual modes articulate and represent meaning potentials but how meaning is constructed as these sign systems interact with one another.

não garante que façam sentido para o surdo, exceto se seu uso forneça subsídios culturais e linguísticos fornecidos pela própria Libras em uso.

Sob essa perspectiva, buscamos selecionar os verbetes analisados a partir de dois critérios. O primeiro corresponde à disposição dos elementos multimodais, de forma que optamos por aqueles apresentam alterações significativas; o segundo critério se deu a partir da identificação de informações adicionais importantes, distintas daquelas motivadas pelo signo linguístico, ou seja, pelo sinal. Desse modo, procuramos evidenciar o processo de construção de significados no interior do verbete que é constituído tanto pelos elementos linguísticos da Libras, quanto pela função linguística assumida pela multimodalidade, como observamos a seguir.

Figura 2 – Imagem do verbete referente ao lema ‘apelido’ no Deit-Libras (2009), v. 1.



Fonte: Capovilla, Raphael, Maurício (2009, p. 265-266).

A entrada do verbete é apresentada por meio da soletração digital e na forma escrita em língua portuguesa. Nesse caso, as letras são colocadas em negrito, ganhando destaque visual. O mesmo ocorre no registro de etimologia, morfologia e a iconicidade. Também se encontra em negrito a indicação da ordem alfabética, no alto da página, por meio da letra do alfabeto em língua portuguesa, em Libras e em SignWriting, que

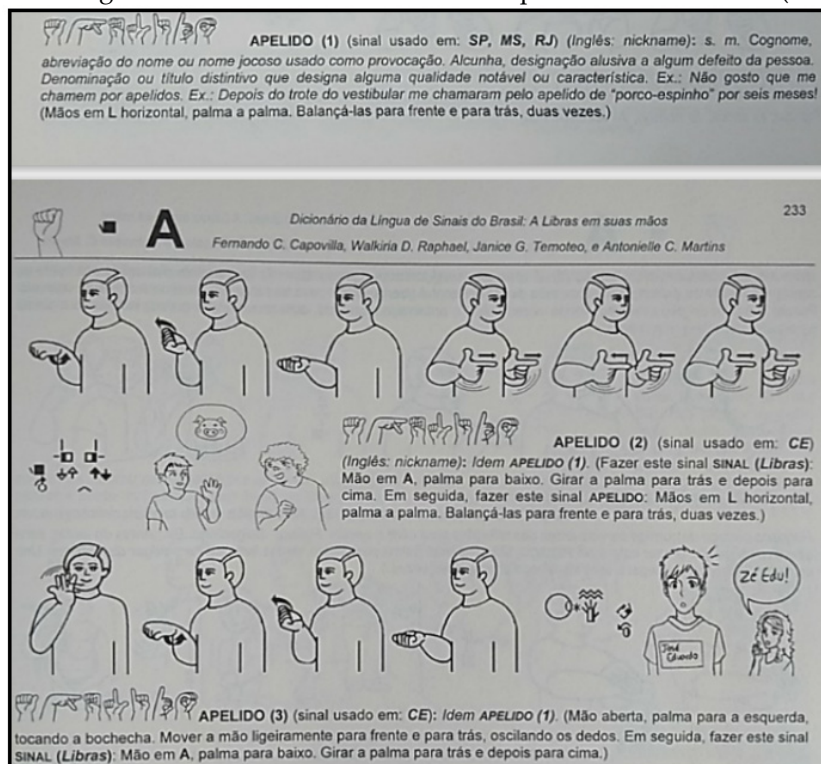


se trata de um sistema de escrita, criado por Valerie Sutton em 1974, para representar “unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações. O SignWriting pode registrar qualquer língua de sinais do mundo [...] [adaptando-a] a sua própria ortografia” (STUMPF, 2005, p. 52, grifo nosso).

O destaque nas letras, embora não seja um estilo restrito aos dicionários que tem a Libras como uma das línguas colocadas em contato, é resultado da interferência da multimodalidade, assim como o SignWriting, pois se articulam, favorecendo visualmente a construção de significados durante a leitura. De acordo com Gomes (2019, p. 249), “combinação de tamanhos de letras, fontes, margens e espaços entre as letras e adereços visuais” são considerados elementos multimodais.

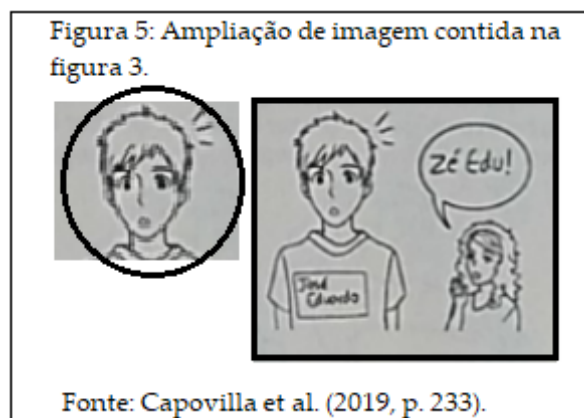
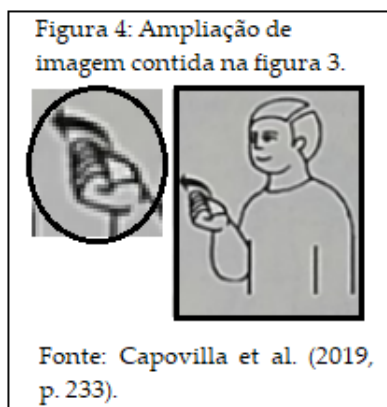
Nota-se ainda que os parâmetros linguísticos que indicam forma assumida pela mão na constituição do sinal (configuração de mão), movimento, expressões faciais e corporais, orientação da mão e ponto de articulação, são descritos verbalmente no texto, diferentemente da disposição multimodal apresentada no Dic. Libras (2019):

Figura 3 – Imagem do verbete referente ao lema ‘apelido’ no Dic. Libras (2019), v. 1.



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 232-233).

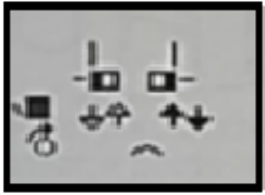
Percebemos alterações significativas não apenas na disposição dos elementos multimodais, mas também na função assumida por eles no corpo do verbete. Imediatamente após o lema do verbete, é retratada verbal e visualmente a variação linguística de ordem geográfica na Libras. A imagem do sinalizante (convencionado para representação da realização do sinal) assume a função linguística ao demonstrar o funcionamento verbo-visual. Conforme demonstramos abaixo:



Além de caracterizar-se como recurso multimodal, o uso de setas expressa o movimento assumido pelo sinal durante sua realização, indicando ainda a direção exigida para sua produção, o que indica que mesmo que o consulente não conheça o sinal utilizado em outra região, ele irá familiarizar-se com ele por meio do signo visual.

Outro aspecto importante da interferência da multimodalidade se refere às expressões não manuais, que fazem parte da estrutura linguística da Libras. A expressão facial, nesse caso, demonstra como o jovem se sentiu ao receber um apelido. A ilustração em questão exprime, pois, os impactos ocasionados por situações vexatórias em situações de *bullying*. Nota-se que o uso da imagem contribui para que o consulente possa formular sua apreciação sobre o uso daquela unidade léxica, devido à situação contextual em que se inscreve. Desse modo, “a imagem [...] pode ampliar os significados do texto verbal” (BEZERRA, 2019, p. 236).

Figura 6: Ampliação de imagem contida na figura 3.



Fonte: Capovilla et al. (2019, p. 233).

Figura 7: Ampliação de imagem contida na figura 3.



Fonte: Capovilla et al. (2019, p. 233).

A expressão facial que demonstra o desapontamento do sujeito, ao receber um apelido, é expresso ainda por meio do *SignWriting*, o que nos remete à importância da articulação entre a realização dos sinais e o funcionamento das expressões faciais para compreensão da dimensão contextual. Ao se tratar de crianças, que estão em fase de aprendizagem da Libras, a associação entre os sentimentos e sensações visuais que as expressões podem proporcionar, contribuem para o enriquecimento semântico e ampliação lexical, “o que evidencia a multifuncionalidade dessas expressões faciais dentro do sistema linguístico das línguas de sinais” (ANATER, 2009, p. 150).

O uso da soletração digital ou datilologia, que ocorre “quando se soletra uma palavra em português ou em outra língua oral-auditiva” (CAPOVILLA *et al.*, 2019, p. 736), embora não contribua significativamente para a associação entre o signo visual e seu referente, devido a sua arbitrariedade, permite que o consulente surdo possa relacionar o sinal à forma escrita na língua portuguesa. É importante mencionar que a língua portuguesa, em sua modalidade escrita, é considerada legalmente como segunda língua para os surdos brasileiros (BRASIL, 2005).

As análises corroboram a assertiva de que a **descrição da iconicidade do sinal** representa um dos fenômenos linguísticos fundamentais para expressão da realidade pois “reproduz a forma, o movimento e/ou a relação espacial do referente, [...]. Assim, mesmo não se conhecendo bem uma língua, há uma motivação do signo com relação ao referente”. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 32). Desse modo, a opção por

descrever a iconicidade dos sinais nos verbetes dos dicionários Deit-Libras (2009) e Dic. Libras (2019) se deve ao fato de constituir uma marca visual e linguística significativa na Libras, pois possibilita a associação entre sinal e seu significado.

Outro potencializador semiótico da Libras, presente nos dicionários analisados neste texto, se refere aos “**empréstimos lexicais**” que segundo Ferreira Brito (2010) consiste em:

Um alfabeto manual que é constituído de Configurações de Mão constitutiva dos sinais, as quais representam as letras do alfabeto da língua portuguesa. Através da ‘datilologia’ ou **soletração digital**, este alfabeto é utilizado para traduzir nomes próprios ou palavras para as quais não se encontram equivalentes prontos em Libras (FERREIRA BRITO, 2010, p. 22).

Segundo Lessa-de-Oliveira (2012, p. 153) o desafio em se representar uma língua tridimensional por meio de um sistema linear de escrita está no fato de que em línguas visuais-espaciais “a imagem acústica é substituída por uma imagem visual. Se por sua natureza auditiva o significante acústico se articula de forma linear, o significante das línguas gestovisuais assume a natureza tridimensional do espaço visual em que se articula”. As mesmas características são atribuídas aos sinais realizados por meio de expressões faciais e corporais, chamados de sinais “**não manuais** [que] podem estar presentes simultaneamente na organização do sinal” (FERREIRA BRITO, 2010, p. 41, grifo nosso).

No caso da língua de sinais brasileira, a dimensão visual configura-se como artefato cultural de um povo, de forma que “o conceito ‘artefatos’ [neste caso] não se refere apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo” (STROBEL, 2008, p. 35).

Sob essa perspectiva, os dicionários também são considerados como “patrimônio cultural” pois em sua magnitude, são capazes de transpor no registro do

léxico de uma língua a cristalização de uma memória que resulta das transformações da sociedade e da própria língua em uso (ISQUERDO, 2011, p. 115).

## 6 Considerações finais

Considerando os objetivos estabelecidos para este trabalho, ressaltamos que a multimodalidade interfere consistentemente nas informações que compõem os verbetes dos dicionários Deit-Libras (2009) e Dic. Libras (2019), pois além de potencializar a capacidade de leitura de seus consulentes, ela assume funções linguísticas da Libras, favorecendo a associação visual entre os signos linguísticos (os sinais) e seus referentes.

Além disso, a interação entre signos favorece a complementariedade de informações linguísticas do texto verbal, respaldando a construção sintática na segunda língua para os consulentes surdos brasileiros, ou seja, na língua portuguesa.

A multimodalidade transpõe na organização dos verbetes recursos grafo-visuais que se dispõem visualmente, tornando-se condizente com a cultura visual de seus consulentes. Desse modo, ela contribui para o registro e a organização didática de informações lexicográficas, o que leva ao enriquecimento do dicionário e consequente desenvolvimento da competência comunicativa dos consulentes que vierem a utilizar a obra nas atividades de produção e compreensão.

## Referências

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

ANATER, G. I. P. **As marcações linguísticas não-manuais na aquisição da língua de sinais brasileira (Libras): um estudo de caso longitudinal**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

AZORÍN FERNÁNDEZ, D. La Lexicografía como disciplina linguística. *In*: MEDINA GUERRA, A. M. (org.). **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel Linguística, 2003. p. 31-52.

BEZERRA, A. L.. **Estudos das interações multimodais em verbetes no dicionário visual online Merriam-Webster**. 2019. 255 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau de Ferros, 2019.

BIDERMAN, M. T. C. As Ciências do Léxico. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.

BORBA, L. C.; MIRANDA, F. V. B. Análise de cinco dicionários semasiológicos de língua espanhola: a correlação entre o front matter e a macro e a microestrutura. **Extensio**: periódico online UFSC, Santa Catarina, v. 9, n. 14. p. 32-43. 2º semestre 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2012v9n14p32/24297>. Acesso em: 27 jun. 2021. DOI <https://doi.org/10.5007/1807-0221.2012v9n14p32>

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm). Acesso em: 08 jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 25 jun. 2021.

CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. 2008. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas**. v.1: Sinais de A a H. v. 2: Sinais de I a Z. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: CNPq: Capes, 2009.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; TEMOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle C. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos**. v.1: Sinais de A a D. v. 2: Sinais de E a O. v. 3: Sinais de P a Z. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CAPOVILLA, F. C.; TEMOTEO, J. G. A importância do Novo Deit-Libras para a educação bilíngue da criança surda. *In*: ANDREIS-WITKOSKI, S.; FILIETAZ, M. R. P. (org.). **Educação de surdos em debate**. 1. ed. Curitiba: Editora UTFPR, 2014. p. 103-127.

CASTILLO CARBALLO, M. A. La macroestructura del diccionario. *In*: MEDINA GUERRA, A. M. (org.). **Lexicografía Española**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003. p. 79-101.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramentos. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; SIEBENEICHER, K. (orgs). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

DURAN, M. S.; XATARA, C. M.. Critérios para categorização de dicionários bilíngues. *In*: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. **As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 3.v. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. p. 311-320.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GARRIGA ESCRIBANO, C. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. *In*: MEDINA GUERRA, A. (org.). **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003. p. 103-126.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOMES, L. F. Coerência intersemiótica: um estudo aplicado de três modelos de análise das relações imagem-texto. *In*: AZEVEDO, I. C. M.; COSTA, R. F. (org.). **Multimodalidade e práticas de multiletramentos no ensino de línguas**. São Paulo: Blucher, 2019. DOI <https://doi.org/10.5151/9788580394085-12>

HAENSCH, G. *et al.* **La Lexicografía**. De la Lingüística teórica a la Lexicografía práctica. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.



HALLIDAY, M. A. K; MATHIESSEN, M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

ISQUERDO, A. N. Os estudos lexicográficos no Brasil: um percurso histórico. *In*: CARDOSO, S.; MEJRI, S.; MOTA, J. (org.). **Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias**. Salvador: Vento Leste, 2011. p. 113-144.

KRIEGER, M. da G. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. *In*: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. **As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 3.v. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. p. 295-309.

KRIEGER, M. da G. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. **Calidoscópico**, v. 4, n. 3, p. 141-147, 2006. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/149046/000583782.pdf?sequence=1>. Acesso em: 02 jun. 2021.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C.. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. **ReVEL**. v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/4566006ab74ecff8dc54d92e9649eb86.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2021.

LYONS, J. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Tradução Marilda Winkler Averbug. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 1987.

MARTIN, J. R. **English Text**. Amsterdam: John Benjamins Publ. Co, 1992.

NASCIMENTO, F. I. do. Lexicografia multimodal: como as crianças percebem os recursos visuais dos dicionários infantis. Revista eletrônica **Discursividades**, Paraíba, v. 3, n. 2, UEPB 2018. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/REDISC/article/view/4951>. Acesso em: 10 de jun. 2021.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012. p. 59-71.



ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2007. DOI <https://doi.org/10.7476/9788526814707>

PEREIRA, A. C. C.; CHOI, D.; VIEIRA, M. I.; GASPAR, P.; NAKASATO, R. **Libras**: Conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PORTO DAPENA, J. Á. Lexicografia y Diccionario. *In*: PORTO DAPENA, J. Á. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco Libros S.A., 2002. p. 15-41.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004. DOI <https://doi.org/10.18309/anp.v1i16.560>

RODRIGUES-PEREIRA, R. Parâmetros para a organização lexicográfica de formas homônimas homófonas não homógrafas destinados a dicionários pedagógicos. *In*: RODRIGUES-PEREIRA, R.; COSTA, D. de S. S. (org.). **Estudos em Lexicografia**: aspectos teóricos e práticos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 137-159.

RODRIGUES-PEREIRA, R; COSTA, D. de S. S. (org.). **Estudos em Lexicografia**: aspectos teóricos e práticos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

RODRIGUES-PEREIRA, R.; NADIN, O. L. Dicionário enquanto gênero textual: por uma proposta de categorização. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 41, n. 1, p. e43835, 6 jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/43835/pdf>. Acesso em: 30 jun. 2021. DOI <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i1.43835>

RUDGE, L. A. **Analysing british sign language through the lens of systemic functional linguistics**. 2018. 288 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade do Oeste da Inglaterra, Bristol, 2018.

SERAFINI, F. **Reading the visual**: an introduction to teaching multimodal literacy. New York: Columbya University, 2014.

SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting**: línguas de sinais no papel e no computador. 2005. 329 f. Tese (Doutorado

em Informática na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, CINTED, PGIE, 2005. DOI <https://doi.org/10.22456/1982-1654.9717>

WEEDWOOD, B. A tradição ocidental até 1900. *In*: WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002. p. 21-101.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

ZAVAGLIA, C. Metodologia em ciências da linguagem: Lexicografia. *In*: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. de S.. **Ciências da Linguagem**: o fazer científico? vol. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 231-264.

Artigo recebido em: 01.09.2021

Artigo aprovado em: 29.03.2022